Plano de Desenvolvimento

O Plano de Desenvolvimento apresentado a seguir foi elaborado para explicitar os objetos de conhecimento e as habilidades a ser trabalhados ao longo dos quatro bimestres do 9o ano do ensino fundamental e propor práticas pedagógicas que contribuam para que os alunos exercitem as habilidades e desenvolvam as competências necessárias para prosseguir com seus estudos.

Na primeira parte deste material, sugerem-se quatro atividades que podem ser desenvolvidas de forma recorrente ao longo de todos os bimestres e também quatro formas de gestão das aulas. As atividades podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica para diversificar as maneiras de apresentar os conteúdos e promover o exercício da participação e do protagonismo dos alunos. As sugestões para a gestão das aulas, por sua vez, podem contribuir para tornar a prática docente mais assertiva. Além disso, são apresentadas sugestões para acompanhamento constante da aprendizagem e a bibliografia de suporte deste material.

Na sequência, encontram-se organizados bimestralmente os seguintes materiais.

* Propostas de organização do curso: os temas que devem ser estudados são acompanhados dos respectivos objetivos específicos, dos objetos de conhecimento e das habilidades propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos finais do ensino fundamental, além de uma lista de práticas pedagógicas relacionadas ao conteúdo estudado.
* Lista de requisitos para a progressão dos alunos.
* Indicação de materiais complementares: sugestão de livros, artigos, *sites* e filmes relacionados aos temas estudados no bimestre que podem interessar a você e aos alunos.
* Proposta de um Projeto Integrador, que reúne objetos de conhecimento e habilidades de pelo menos dois componentes curriculares, e contribui para o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica contidas na BNCC.

Atividades recorrentes para todos os bimestres

As atividades recorrentes são, basicamente, procedimentos. São técnicas, métodos, habilidades motoras, estratégias cognitivas e rotinas escolares que constituem meios para a aprendizagem. O educador espanhol Cesar Coll define procedimentos como conjuntos de ações que possibilitam a realização de determinadas metas. Isso significa que procedimento é um “saber fazer” que torna a aprendizagem eficiente. Assim, segurar corretamente o lápis, manusear o compasso e a tesoura, usar instrumentos de laboratório, fazer um resumo, construir uma linha do tempo, preparar e apresentar um seminário, elaborar uma pesquisa, ler e interpretar uma imagem, um gráfico, uma tabela ou um texto, entre outras coisas, são procedimentos.

Procedimentos sempre fizeram parte das atividades escolares, mas não estavam explicitamente previstos no currículo. Foi com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na década de 1990, que os documentos do Ministério da Educação começaram a diferenciar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, e a tratá-los como parte do currículo escolar. Desde então, as escolas passaram a ter como preocupação ordenar e sistematizar as ações dos alunos para o desenvolvimento de sua autonomia, instrumentalizando-os para que, ao concluírem o ensino básico, sejam capazes de aprender por conta própria, sem a necessidade da tutela de alguém. Entretanto, para isso, os procedimentos ensinados na escola devem ser incorporados pelos estudantes; devem ser automatizados e mobilizados com desenvoltura sempre que se fizerem úteis para a aprendizagem, o que só acontece se, ao longo da vida escolar, o jovem for incentivado a realizar recorrentemente os procedimentos ensinados. É a repetição do procedimento, em ocasiões variadas, que assegura sua assimilação.

Várias atividades pedagógicas recorrentemente empregadas pelos professores em sala de aula podem ser utilizadas para o desenvolvimento das habilidades e competências propostas na BNCC. Muitas das atividades sugeridas a seguir podem já estar incorporadas no cotidiano escolar e pedagógico; outras podem servir de inspiração para que se pense em estratégias que possibilitem o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica propostas na BNCC, como a valorização do conhecimento historicamente construído, o exercício da curiosidade intelectual de investigar em bases científicas, a compreensão das manifestações artísticas e culturais, bem como o desenvolvimento da argumentação com base na empatia, no diálogo e na resolução de possíveis conflitos.

Nas páginas que seguem, são propostas quatro atividades a ser aplicadas aos alunos e avaliadas recorrentemente ao longo dos bimestres. Espera-se que, ao final do quarto bimestre, tenham sido incorporadas às práticas dos estudantes, sendo mobilizadas autonomamente por eles sempre que se mostrarem úteis para abreviar o caminho do aprendizado.

Pesquisa na internet

Uma ferramenta fundamental do desenvolvimento do trabalho acadêmico atualmente é o bom uso das ferramentas digitais. Evidentemente, em vários momentos, os alunos terão de desenvolver esse tipo de trabalho. Apesar de muitos deles utilizarem a internet de maneira sistemática, em geral a atividade de pesquisa com base em critérios científicos ainda não faz parte de suas habilidades. Por isso, é importante incentivá-los a construir essa habilidade de forma autônoma.

A internet possibilita o acesso a uma quantidade quase inimaginável de informações. A questão fundamental, nesse caso, é saber selecionar, organizar, sintetizar e se apropriar de conteúdos que sejam relevantes para o foco da pesquisa.

Esse tipo de atividade contribui para o desenvolvimento da **Competência Específica de História no 7**, que trata da produção, da avaliação e da utilização das tecnologias digitais de informação. Ao desenvolver métodos de pesquisa, os alunos poderão incorporar essa competência ao seu dia a dia na escola e fora dela.

Levando isso em consideração, oriente os alunos a, quando forem pesquisar um assunto, ficarem atentos aos procedimentos a seguir.

* **Definir o objetivo da pesquisa.** Sem ter clareza do objetivo, os alunos não conseguirão identificar o que é realmente relevante em meio ao imenso volume de informações que encontrarão sobre o tema pesquisado.
* **Levantar as fontes disponíveis.** O ideal é procurar informações em *sites* de instituições reconhecidas, nacionais e internacionais, como universidades e Organizações não Governamentais (ONGs). A seleção dos *sites* para busca é fundamental para a garantia da qualidade e da segurança das informações obtidas. Caso produzam material com base na pesquisa, deverão citar todas as fontes utilizadas, indicando o *link* que direciona para o *site* utilizado.
* **Identificar e selecionar a informação que vai ao encontro do objetivo definido.** É importante ter sempre o objetivo da pesquisa em mente, mesmo depois do levantamento das informações. Não é necessário copiar todas as informações consideradas relevantes. De cada trecho da leitura podem-se copiar somente frases e parágrafos considerados significativos, seguidos de um comentário sobre o texto pesquisado.

Esses são procedimentos básicos de orientação de pesquisa que podem ser utilizados por qualquer aluno. Sempre que julgar interessante, ou considerar que um conteúdo não foi aprofundado ou explorado devidamente, sugira o trabalho de pesquisa, que contribui para que os alunos exercitem a aquisição do conhecimento.

Análise de filme

O cinema tem se tornado, cada vez mais, uma fonte de conhecimento para todo o conteúdo escolar. No componente curricular história, principalmente, os filmes são ferramentas de trabalho de ampla utilização pelos professores. O uso de filmes como estratégia de ensino-aprendizagem desperta o interesse dos alunos e proporciona aulas reflexivas e menos convencionais. Essa prática contribui para o desenvolvimento da **Competência Geral da Educação Básica no 3**, pois ajuda a desenvolver nos alunos a valorização de diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais.

Apesar disso, o uso dos filmes em sala de aula é uma preocupação para estudiosos de educação, pois essa ferramenta, em geral, não tem sido trabalhada adequadamente nos componentes curriculares escolares. Vários fatores contribuem para a utilização inadequada do cinema em aula. Dentre eles, destacamos o desrespeito à classificação etária indicativa das obras, a má gestão do tempo destinado ao trabalho com filmes, comprometendo o planejamento das aulas, e, no caso particular das aulas de história, a apresentação do filme como retrato da “verdade” (“foi assim que aconteceu”). Por isso, vale esclarecer para os alunos que um filme, de qualquer gênero, ano ou nacionalidade, nunca apresenta a “verdade” histórica, e sim uma representação da história embasada em estudos sobre determinada época. Esse esclarecimento é pertinente, pois é comum diretores ou produtores cinematográficos afirmarem que o filme é muito fidedigno à história ou que procuraram uma adequação fiel aos escritos históricos. Afirmações como essa são perigosas e inverídicas, pois, ainda que tente representar determinado contexto histórico com a maior fidelidade possível, um diretor não poderá libertar sua produção da tirania do tempo presente, e o filme sempre trará as marcas tecnológicas, ideológicas, culturais e comportamentais desse tempo. Para cristalizar essas noções, sempre que possível, solicite aos alunos que desenvolvam atividades de análise de filme, que devem seguir alguns procedimentos, como os expostos a seguir.

* **Pesquisar a ficha técnica do filme.** Deve-se pesquisar o nome do diretor, o elenco, o local e o ano de produção do filme. Essas são as informações básicas para o início do trabalho. Depois, devem-se pesquisar informações sobre o diretor da obra. Conhecendo as características do trabalho do diretor, é possível ter uma ideia do que esperar de seus filmes, o que facilita a observação.
* **Levantar informações sobre a época retratada no filme.** Dessa forma, pode-se perceber mais facilmente a interpretação do diretor a respeito dos fatos e o modo como ele fez uso da sua liberdade para criar situações ficcionais.
* **Registrar observações sobre o filme.** É importante estar atento a todos os elementos presentes na produção: caracterização dos personagens (vestimentas, gestos, expressões, comportamentos etc.), cores usadas em cena (tons claros/escuros – iluminação), montagem das cenas e ângulos filmados (se a câmera acompanha os movimentos das personagens de perto ou a distância, se há muitos *zoons*, ou seja, *closes* de um personagem, etc.) e, por fim, a influência da música nas cenas.
* **Atribuição de significado.** Depois de registrados todos os elementos indicados no item anterior, pode-se atribuir significado a cenas, personagens e objetos, entre outros, associando os elementos do filme ao contexto histórico em que foi produzido. Na análise deve constar, por exemplo, se os principais personagens representam determinado grupo social, racial, étnico etc., se esses personagens são apresentados como heróis ou vilões, se o ambiente criado pelo diretor é alegre, opressivo ou melancólico. São muitos os elementos que podem ser considerados na análise e que propiciam o entendimento correto de um filme utilizado nas aulas de história.

Fica a seu critério exibir os filmes na íntegra ou em trechos para os alunos, pois isso dependerá do objetivo do trabalho e do tempo disponível para a atividade. Relacione o filme com o conteúdo trabalhado em sala de aula, chamando a atenção dos alunos para os aspectos a ser observados durante a exibição do filme, se julgar relevante, para o melhor entendimento da obra e de sua relação com o conteúdo estudado. Essas intervenções podem contribuir para que os alunos desenvolvam de forma apropriada sua capacidade de análise de filme.

Produção de dissertação

No 9o ano, os alunos devem desenvolver habilidades que lhes permitam continuar seus estudos no ensino médio e, caso seja de seu interesse, ingressar no ensino superior. Atualmente, no Enem e nos exames vestibulares, é solicitada, como critério eliminatório, a produção de uma dissertação.

Além de ser uma ferramenta para o prosseguimento dos estudos, por meio de produção de dissertações os alunos podem construir argumentos, com base nos conhecimentos apreendidos, para defender ideias e opiniões. Essa característica presente no ato de produzir a dissertação pode ser usada para promover ideias e atitudes relacionadas ao respeito e à valorização dos direitos humanos, à responsabilidade socioambiental, entre outras, ajudando os alunos a exercitar seu protagonismo e a propor soluções para problemas contemporâneos, a fim de promover o bem comum e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa maneira, eles poderão desenvolver a **Competência Específica de Ciências Humanas no 6**.   
Podem-se utilizar conteúdos específicos, como a questão dos refugiados sírios na atualidade, para propor esse tipo de atividade.

Vale ressaltar para os alunos as diferenças entre uma dissertação expositiva, em que se apresenta um assunto e se oferece uma série de informações ao leitor para que ele tome ciência de algo, e a dissertação argumentativa, em que é feita a defesa de um ponto de vista. Esse último tipo é utilizado geralmente em exames de ingresso no ensino superior.

Para produzir textos argumentativos, é importante observar os procedimentos a seguir.

* **Pesquisar e definir o tema central.** Deve-se pensar sobre o tema da dissertação e realizar uma pesquisa sobre ele. Após a pesquisa, pode-se indagar: “Quais são os principais aspectos desse tema? Por que ele é importante? Que polêmicas estão associadas a ele? Qual é meu ponto de vista sobre ele?”. Isso ajudará a definir um recorte para o tema.
* **Elaborar o texto.** O texto produzido deve ser objetivo e claro. Em uma dissertação, recomenda-se usar, preferencialmente, o verbo na terceira pessoa. Contudo, algumas vezes pode-se empregar a primeira pessoa, desde que se tome o cuidado para não cair em subjetivismos, utilizando de forma recorrente expressões como “em minha opinião”. É também indicado evitar julgamento de valor e o uso de adjetivos como “bom”, “ruim”, “certo”, “errado”. Dessa forma, ao escrever uma dissertação, deve-se manter certo distanciamento do assunto, evitando o tom emotivo na redação. Além disso, tudo o que for afirmado deverá ser comprovado. Por isso, sempre que possível, devem-se apresentar dados comparativos, resultados de levantamentos qualitativos, citações de autores renomados etc. É importante que as afirmações não pareçam “achismo”, ou seja, que não pareçam oriundas de senso comum.

É interessante solicitar a produção de uma dissertação para os alunos ao final do bimestre para que eles compreendam o conteúdo estudado e exercitem a escrita.

**Leitura e análise de reportagem**

Por tratar da história contemporânea, o conteúdo estudado no 9o ano possibilita a proposição de atividades recorrentes de leitura e análise. Podem-se propor, por exemplo, atividades envolvendo reportagens sobre a Guerra de Canudos ou a Primeira Guerra Mundial no primeiro bimestre, a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial ou o advento das leis trabalhistas na Era Vargas no segundo bimestre, o boicote aos Jogos Olímpicos na década de 1980 ou algum plano econômico durante o regime civil-militar no Brasil no terceiro bimestre e temas da atualidade no último bimestre.

Comente com os alunos que nenhuma reportagem é imparcial, ou seja, a informação veiculada passa sempre por uma escolha, por uma edição. Existe alguém que, seguindo a orientação dos donos do meio de comunicação, edita fotos e textos e define o que pode e o que não pode ser publicado. Assim, uma visão positiva ou negativa sobre um fato está implícita na maioria das reportagens. Para isso, não é preciso mentir; basta escolher, por exemplo, o ângulo de uma foto que esteja mais em conformidade com o que o editor quer transmitir. Assim, é preciso estar atento às informações e ter um olhar crítico sobre elas.

Para ajudar os alunos nas atividades que envolvem análise de reportagens, sugerem-se os procedimentos a seguir.

* **Verificar a relevância dada ao tema.** O assunto foi destacado em manchete? Está acompanhado por fotografia? Que lugar da página do jornal ou da revista foi reservado para ele? Se a reportagem é veiculada na internet, aparece em destaque no *site*?
* **Checar os elementos presentes na reportagem.** Além do texto, que outros elementos são apresentados na reportagem? Afotografia, se existe, causa que impressão no leitor? Qual é o conteúdo da legenda? Existem gráficos e tabelas? Se houver, que informação os dados neles representados validam?
* **Avaliar o texto.** Deve-se perceber se no texto são usados termos que sugerem algo, se há afirmações categóricas ou se há emprego de substantivos e adjetivos para fazer referência aos envolvidos no fato reportado.

Ao praticar de forma recorrente a análise de reportagens, os alunos podem exercitar o olhar crítico sobre o mundo e o cotidiano. Por meio da avaliação de reportagens, eles podem exercitar a crítica a sua produção textual, buscando basear suas ideias e posições em fatos, dados e informações confiáveis, como deve ser o trabalho do jornalista ao produzir uma reportagem. Dessa maneira, as atividades de análise de reportagem contribuem para o desenvolvimento da **Competência Geral da Educação Básica no 7**.

Sugestões para a gestão das aulas em todos os bimestres

A construção do papel dos jovens como estudantes ocorre ao longo de todo o ensino fundamental. É nessa etapa que se adquire o repertório conceitual básico dos diferentes componentes curriculares e se desenvolvem condutas favoráveis ao aprendizado. É ainda nessa fase de escolarização que as relações de troca intelectual com os colegas e professores intensificam-se e se tornam mais frequentes, promovendo o desenvolvimento das capacidades de negociação, cooperação e diálogo.

Justamente pela natureza formativa do ensino fundamental, o papel do professor como mediador do processo de aprendizagem é muito relevante. É o educador quem facilita para os estudantes o acesso à informação e o desenvolvimento de habilidades e competências e da capacidade de organização para o estudo, além de coordenar os trabalhos realizados em sala de aula e intermediar conflitos.

Por essas razões, a organização e a gestão das aulas precisam ser bem administradas para que o tempo seja aproveitado ao máximo e os objetivos do processo de ensino e aprendizagem sejam atingidos. Cabe ao professor conduzir de forma democrática e inclusiva a gestão da sala de aula, considerada de forma ampla, não apenas como o espaço físico onde ocorrem os encontros com os alunos, mas como a relação cotidiana construída ao longo do processo educativo.

Estudo do meio

O estudo do meio faz parte do cotidiano escolar há décadas. Contudo, é ainda comum que propostas dessa natureza acabem se tornando simples “excursões” ou “passeios”, nos quais a função pedagógica acaba se perdendo. Para que o estudo do meio seja eficiente, deve contemplar objetivos de vários componentes curriculares em um projeto integrador. É importante que a equipe de professores se reúna para identificar pontos de convergência entre os conteúdos escolares e traçar os objetivos a serem atingidos.

Com os objetivos definidos, escolhe-se o local onde o estudo do meio se desenvolverá e o roteiro a ser percorrido. É necessário que a realização do estudo ocorra em um dia em que não haja a demanda da presença dos alunos na escola. Por isso, após a definição do local e dos componentes curriculares envolvidos, leve a proposta à coordenação pedagógica e/ou à direção da escola para verificar as agendas e obter orientação sobre os procedimentos necessários para a saída dos alunos do ambiente escolar.

Em seguida, elabore com os demais professores participantes do projeto as atividades de preparação para o estudo do meio, que podem ser coletâneas de textos para leitura, roteiros de pesquisa, mapas com rotas, tabelas de coletas de dados etc. O objetivo, nessa primeira fase, é instrumentalizar os alunos com informações básicas e procedimentos para que, durante o estudo, eles possam tirar o máximo proveito do trabalho de campo. É aconselhável organizá-los em equipes para que interajam nas atividades e compartilhem experiências, desenvolvendo a **Competência Geral da Educação Básica no 4**.

Com os estudos preliminares em mãos, os alunos sairão a campo para coletar dados, amostras e informações, registrando-os (escritos, gráficos, fotográficos etc.) para utilizá-los em sala de aula.

Os professores envolvidos no projeto devem acompanhar a coleta desse material, verificando sua adequação e orientando os alunos sobre a melhor forma de armazená-lo e organizá-lo para uso posterior. Para melhor organizar o trabalho, é interessante elaborar uma apostila na qual os estudantes possam reunir todas as informações obtidas durante o estudo do meio.

A última etapa do estudo do meio deve ser a partilha e a síntese das informações coletadas antes e durante a saída pedagógica e o registro da conclusão do estudo. A conclusão pode ser finalizada como trabalho escrito, em forma de relatório, mas pode também resultar em trabalho plástico, como a montagem de painéis ou vídeos. Nesse momento, é importante favorecer o intercâmbio de conhecimentos adquiridos entre os alunos e valorizar não só os dados objetivos, mas também as experiências subjetivas durante o estudo, como expectativas, sensações e percepções, contribuindo para que os alunos desenvolvam a **Competência Geral da Educação Básica no 8**. Na avaliação da proposta, os professores envolvidos no projeto devem considerar todo o processo (da coleta de dados preliminares à atividade de síntese).

Gestão de conflitos

A adolescência é uma fase de ruptura, em que o jovem deixa para trás os laços de dependência do núcleo familiar e arrisca-se em novas experiências relacionais, ampliando seu círculo de convivência social e buscando construir uma identidade. É também o momento em que se descobre capaz de pensar por si e de tomar decisões, o que o coloca diante de uma sensação de liberdade. Essa liberdade é sentida, primeiro, como a ultrapassagem dos limites que lhe são impostos pela família e, depois, como uma experimentação das suas possibilidades de ação no mundo além do círculo doméstico. Até onde pode ir? Quem ou o que o deterá? De que “tamanho” é a liberdade da qual desfruta? Questões assim estimulam o adolescente a testar limites – o que significa enfrentar, seja pelas palavras, seja pelo comportamento, a autoridade dos adultos e as regras que lhe são impostas.

Em sala de aula, os alunos adolescentes podem se tornar agentes de uma série de situações conflituosas e, frequentemente, desgastantes. A agitação, a impulsividade, o imediatismo, a resistência ao trabalho pedagógico, a irreverência e até mesmo, não raramente, a agressividade são muitas vezes percebidos e sentidos pelo educador como empecilhos à tarefa de ensinar. Entretanto, existem estratégias que podem favorecer a convivência pacífica em sala de aula.

Antes de tudo, o professor deve se reconhecer como a autoridade em sala de aula e estar seguro de que é a pessoa responsável pelos estudantes. Essa autoridade não deve ser transferida para outros sujeitos, como os pais ou a coordenação, sob o risco de os alunos não a identificarem mais no educador. No entanto, autoridade não se confunde com autoritarismo. É preciso conquistar a confiança dos alunos. Firmeza – jamais se deve prometer o que não se pode ou não se deseja cumprir –, justiça nas decisões e temperança são atitudes necessárias em sala de aula. Os alunos tendem também a respeitar mais o professor quando reconhecem sua preocupação com eles e oferece atenção e conhecimento com entusiasmo. Mostrar domínio de seus conhecimentos e segurança em sua profissão é fundamental para conquistar a confiança dos alunos.

Todavia, mesmo quando a relação do professor com a turma é positiva, podem acontecer situações de confronto, e lidar com elas é sempre delicado. Primeiramente, é importante evitar o embate direto. Enfrentar um aluno diante dos colegas tende a favorecer uma reação de solidariedade do grupo, potencializando o risco de generalização do conflito. Evite levantar a voz e procure dialogar com os alunos de modo privado, ao final da aula ou, se for necessário, tão logo ocorra a intervenção. Nesse diálogo, evite julgamentos. Critique a atitude impertinente dos alunos, mas não os julgue.

Recomenda-se, ainda, procurar escutar os adolescentes antes de repreendê-los. A escuta atenta possibilita o entendimento do ponto de vista dos alunos para que se possa construir uma contra-argumentação, indicando que foi levada em consideração a alegação deles, tirando-os da posição defensiva que assumirão se forem advertidos sem ser ouvidos. Ao fim da conversa, se possível, é importante estabelecer um pacto com os alunos, mostrando-se confiante na capacidade de colaboração deles. Essa atitude pode contribuir para que os alunos desenvolvam as **Competências Gerais da Educação Básica no 8** e **no 10**.

Há, todavia, situações em que o conflito envolve vários alunos ao mesmo tempo. Nessas horas, o controle é dificultado pela agitação e pelo falatório da turma. É prudente manter a calma e procurar resolver a questão em assembleia. Para tanto, defina a regra de que só poderá falar quem estiver com determinado objeto na mão (um chaveiro, um estojo de tecido ou qualquer objeto que possa ser passado de mão em mão sem quebrar nem machucar alguém). Ao término da fala, um aluno deverá passar o objeto a outro que deseje se pronunciar. Se possível, saia do foco da discussão e incentive os alunos a debater o problema gerador do conflito, retomando o controle do debate apenas para fazer o fechamento da solução. Essa forma de resolução do conflito pode contribuir para o desenvolvimento pelos alunos da **Competência Geral da Educação Básica no 9**.

Em todas as situações, é importante o professor ter em mente o fato de que é o adulto da relação e, por conseguinte, deve buscar ser o elemento de equilíbrio na sala de aula.

Uso do celular

Em um mundo cada vez mais invadido pela tecnologia, as novas gerações já assimilaram muitos aparelhos eletrônicos em seu cotidiano. Muitas tarefas que eram, em outros tempos, realizadas sem a mediação da tecnologia digital ou por aparelhos diferentes e específicos estão concentradas em um só dispositivo: o celular. A utilização de celular em sala de aula tem sido motivo de polêmica. Parte dos educadores condena o uso do aparelho, ao passo que outros admitem sua utilização com finalidade pedagógica. A permissão do uso do celular em sala de aula deve ser decidida pela coordenação ou equipe docente a fim de evitar que os alunos façam comparações entre condutas diferentes dos professores e criem, com isso, situações de constrangimento para os educadores. Para o bom funcionamento de qualquer escola, a unidade dos professores e a harmonia entre eles são fundamentais.

Caso a decisão da equipe seja pela proibição, as regras devem ser expostas claramente. Cada professor que entra na sala de aula deve reforçar, diariamente, a orientação para que os alunos desliguem seus aparelhos e mantenham-nos guardados na mochila. É prudente avisar os alunos sobre a atitude que será tomada caso alguém desrespeite a regra e, uma vez identificado o aluno infrator, o que foi estabelecido deve ser prontamente aplicado de maneira impessoal e sem alarde.

A equipe pode, todavia, admitir o uso de celular em situações específicas. O uso de agenda, por exemplo, pode ser importante para a organização do aluno. O registro fotográfico da lousa, por sua vez, assegura a redução do tempo gasto com cópias, permitindo a dinamização da aula. Caso considere importante o registro escrito da aula no caderno, oriente os alunos a fazer anotações da aula expositiva (consulte “atividades recorrentes” no “Plano de Desenvolvimento” do 6o ano).

Uma das mais importantes funções do celular, porém, é facilitar atividades de pesquisa. O acesso à internet favorece atividades desafiantes e proporciona independência aos alunos. A oferta de situações-problema para ser solucionadas em grupo estimula a pesquisa e a troca de informações entre os estudantes, favorecendo o aprendizado. Por meio de redes sociais, os alunos podem ainda trocar informações com outros grupos e realizar trabalhos mais complexos, de maneira integrada, desenvolvendo as **Competências Gerais da Educação Básica no 4** e **no 5**.

Todavia, existe sempre o risco de o celular ser mal utilizado: fotos feitas durante a aula sem a permissão dos envolvidos, conversas paralelas que não têm relação com o trabalho proposto, acesso a conteúdos inapropriados, tudo isso pode ocorrer. Por essa razão, a opção de permitir o uso do aparelho celular em sala de aula deve sempre ser acompanhada de orientações sobre ética digital para que os estudantes entendam as implicações do mau uso do aparelho nesse ambiente. Ainda que os jovens tenham familiaridade com as novas tecnologias, ainda estão em formação e precisam ser constantemente lembrados de suas responsabilidades e limites.

Situações de inclusão

Não é de hoje que se reconhece a importância da inclusão de pessoas com deficiência nas escolas. A interação com os demais é um direito que lhes é assegurado. Para as demais crianças e adolescentes, isso envolve um exercício importante de aceitação e respeito à alteridade, contribuindo para o desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 8**, **no 9** e **no 10**.

Para o professor, principalmente o especialista, que passa apenas algumas horas da semana com os alunos, gerir a situação em que há jovens com deficiência em sala de aula é um desafio, pois eles precisam de atenção individualizada e de estímulos particulares.

A fim de que a inclusão seja efetiva e bem-sucedida, é importante recolher informações sobre as características da deficiência dos alunos e de suas dificuldades específicas. De posse desses dados, é preciso avaliar os desafios que estão ao alcance deles e, tendo-os em mente, delimitar objetivos bem precisos. Se a deficiência dos estudantes for física, será necessário pensar nos recursos assistivos disponíveis e ajustar seu uso à dinâmica da turma. Se for intelectual, será necessário avaliar as habilidades que esses alunos precisam e se têm condições de desenvolvê-las de maneira autônoma.

Em sala de aula, os alunos com deficiência devem ser dispostos, preferencialmente, no centro da sala, evitando os cantos, o fundo e a frente, para que eles estejam sempre em seu campo de visão. Nas atividades em grupo, é preciso ter cuidado para que eles não sejam deixados de lado e para que recebam tarefas pelas quais possam se responsabilizar. É muito importante que os colegas sejam estimulados a interagir com as pessoas com deficiência e sejam informados sobre as necessidades delas, a fim de auxiliá-las.

Dependendo da deficiência, não se poderá exigir deles os mesmos aprendizados cobrados aos colegas. Por isso, as avaliações devem ser feitas especialmente para eles e orientadas pelos objetivos previamente definidos. Esses alunos não devem ser considerados “café com leite”; precisam ser desafiados a realizar tarefas. Registros da evolução dos alunos com deficiência devem ser feitos continuamente e partilhados com todo o corpo docente para que se possa traçar um quadro mais completo do processo de desenvolvimento deles.

Para facilitar o atendimento aos alunos com deficiência, pode-se estabelecer uma rotina em sala, como verificar material e tarefas sempre depois de fazer a chamada. A rotina ajuda na organização desses alunos e evita que eles sejam negligenciados em razão do envolvimento nas diversas demandas dos demais estudantes. Pode-se, ainda, definir um rodízio de alunos mediadores para que eles sejam sempre observados e monitorados.

Acompanhamento constante da aprendizagem

O acompanhamento da aprendizagem dos alunos é um dos aspectos decisivos do trabalho do professor. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar o fato de que a avaliação do processo de aprendizagem não pode ser feita de forma descontínua, ou apenas no encerramento de um bimestre. Deve ser acompanhada de forma constante, no dia a dia, com a intenção de intervir sempre que houver necessidade. Em geral, não existem turmas homogêneas, nas quais todos os alunos aprendem no mesmo ritmo e nas mesmas condições. A realidade que o professor encontra em suas turmas é de um mosaico de situações e de ritmos de aprendizagem diferentes. Diante desse desafio, é preciso atentar a alguns aspectos essenciais para que a aprendizagem dos alunos seja significativa.

Segundo a BNCC, a absorção do conhecimento histórico ocorre por meio de *processos*, os quais conduzem à condição de *atitude historiadora*, que é:

“[...] uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. Enfim, trata-se de transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive”.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017.   
p. 399. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

No documento é proposta uma série de processos de aprendizagem, do simples ao complexo, para atingir esses objetivos. Dessa forma, os alunos que estão concluindo o ensino fundamental precisam ser capazes de *identificar* questões e objetos de estudo, *contextualizar* processos históricos, *comparar* situações históricas, *interpretar* os significados desses processos e, por fim, *analisá-los* para conseguir problematizá-los. Essas etapas, fundamentais para a formação de um sujeito autônomo, capaz de pensar por si e perceber e analisar relações, processos, contextos e visões de mundo distintas, devem ser contempladas ao final do ensino fundamental.

Por essa razão, o acompanhamento do processo de aprendizagem precisa ser constante. O professor pode aplicar, por exemplo, atividades de sistematização do conteúdo para aferir se os alunos compreenderam os principais pontos do conteúdo estudado. Em seguida, pode propor atividades de aprofundamento para verificar se os alunos conseguem aplicar os conteúdos apreendidos em situações mais complexas de análise.

As Sequências Didáticas sugeridas neste Material Digital apresentam diferentes opções de avaliação dos conteúdos, ampliando o leque do professor para acompanhar a evolução dos alunos. Este material contém, ainda, sugestões de avaliação do conteúdo do bimestre, com detalhamento das habilidades avaliadas, orientações para interpretação das respostas e acompanhamento da aprendizagem dos alunos. Por meio desses recursos, o professor pode verificar se os alunos conseguem identificar, comparar, contextualizar, interpretar e analisar os processos históricos de forma coerente e sistemática.

É provável que alguns alunos tenham mais dificuldades em acompanhar a turma e precisem de mais ajuda. Nesse caso, o professor deve utilizar diferentes estratégias pedagógicas. Por exemplo, se com a aula expositiva dialogada, os alunos não atingiram os objetivos, ofereça outras oportunidades de aprendizado, como um trabalho de pesquisa e redação. Para oferecer maior repertório aos que já superaram as primeiras etapas, podem-se propor, por exemplo, trabalhos que envolvam a análise e a interpretação de fontes primárias sobre determinado tema da história.

Na parte referente a cada bimestre do ano letivo, você encontrará um quadro com os requisitos mínimos necessários para que os alunos possam dar continuidade aos estudos.

Bibliografia

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999.

CERRI, Luis Fernando (Org.). *Ensino de história e educação*: olhares em convergência. Ponta Grossa:   
UEPG, 2007.

COLL, Cesar; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Barnabé; VALLS, Enric. *Os conteúdos na reforma*: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 1988.

CORTELLA, Mario Sérgio. *Educação, escola e docência*: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

MARTINEZ-MUT, Bernardo; GARFELLA, Pedro. A construção humana através da aprendizagem significativa: David Ausubel. In: MINGUET, Pilar A. (Org.). *A construção do conhecimento na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PACHECO, José. *Aprender em comunidade*. São Paulo: Edições SM, 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Escola da Ponte*: formação e transformação da educação. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAULA, Flávia A. *Lições, deveres, tarefas, para casa*:velhas e novas prescrições para professoras. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253414/1/Paula_FlaviaAnastaciode_M.pdf>>.   
Acesso em: 12 out. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PINSKY, Jaime. *O ensino de história e a criação do fato*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, Mario Sérgio. *A difusão das ideias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.